

# Tapebas se valem do artesanato para a sobrevivência

Como a poluição do rio Ceará vem extinguindo o caranguejo, os índios estão perdendo mais uma fonte de renda.

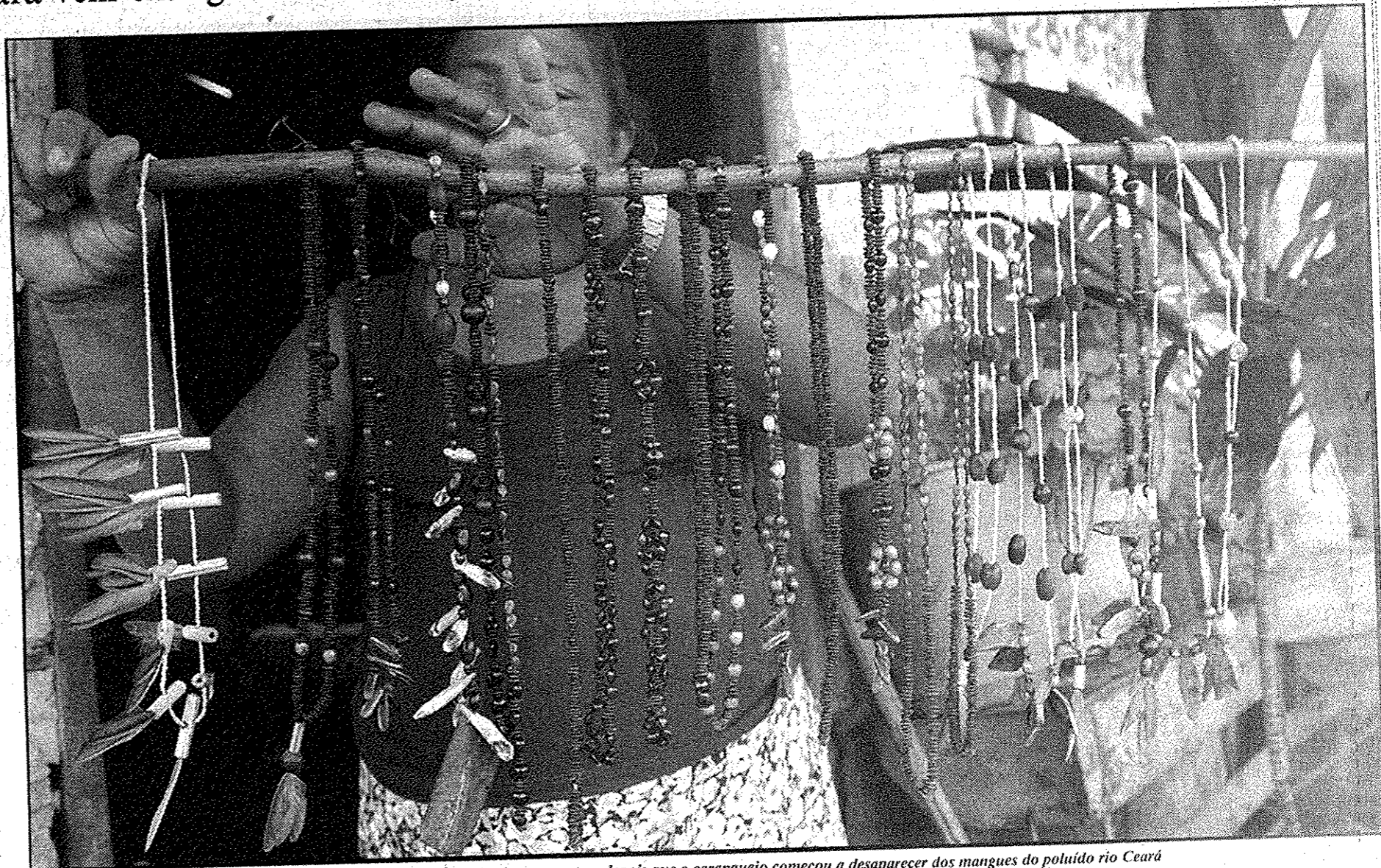
A captura do caranguejo como fonte de renda na comunidade dos índios Tapeba está com seus dias contados. Na área, que fica nas margens do rio Ceará, onde praticamente 44 famílias vivem da pesca e da agricultura, o caranguejo já não é mais o único "ganha-pão" dos índios. Uma década atrás, na avenida em frente às casas dos índios, dezenas de barraquinhas vendiam o crustáceo, que era muito procurado pelas famílias que iam passar os finais de semana nas praias do lado oeste. Hoje, com a poluição do rio Ceará e o desaparecimento do caranguejo, os índios preferem viver da venda do artesanato e da pesca do camarão e do peixe.

Segundo o líder indígena Francisco Rodrigues Teixeira, o cacique Alberto, faz tempo que o rio Ceará já não abastece a comunidade. "Quem comer um peixe deste rio está arriscado a morrer", disse. Por isso, os cerca de dez barcos que ficam nas margens do rio servem para a pesca na praia de Iparana ou na Barra do Ceará, onde ainda têm peixes e crustáceos. "Mesmo assim, são poucos caranguejos e miúdos", lamenta o cacique.

Por causa disso, a opção de sobrevivência passou a ser o artesanato e a agricultura. As mulheres dos índios fazem colares, anéis, pulseiras, cocares e porangas que são vendidas - geralmente aos alunos que vêm em excursão conhecer a comunidade indígena dos Tapebas. Os preços são variados. Um cocar, por exemplo, feito de penas de arara e papagaio, custa R\$ 20,00. Um anel, R\$ 2,00. Já o colar custa R\$ 3,00. A pulseira é mais barata, R\$ 1,00. Todo esse material artesanal é feito de sementes de plantas da mata - Flanboyant, Pau-brasil, Bambu, Jeriquiti entre outras.

Mesmo com a crise, diariamente os índios saem para a pesca às cinco da manhã, só voltando às cinco da tarde. Mas é na sexta e no sábado que a captura do caranguejo vira prioridade, já que a venda nas poucas barraquinhas que ainda resistem continua. E os preços são convidativos. A corda com dez caranguejos custa R\$ 1,00. Em algumas barracas na Praia do Futuro, um caranguejo custa R\$ 1,80. O quilo de camarão: R\$ 2,50. Na Aldeota chega a R\$ 10,00.

Na comunidade dos Tapeba, 40 pegadores de caranguejo tem até uma técnica especial para captura do crustáceo. Antes, usavam as próprias mãos. Hoje, eles fizeram artesanalmente o que chamam de armadilha para caranguejo. É uma la-



Os índios estão concentrando seus esforços de trabalho na confecção de artesanatos, depois que o caranguejo começou a desaparecer dos mangues do poluído rio Ceará

ta de óleo, com uma isca com folhas em cima e uma tampa de leite ninho para prender o caranguejo após atraí-lo para a isca. "Se o inverno fosse melhor, se o caranguejo desovasse mais aqui no rio Ceará e não tivesse poluição seria melhor", reclama o cacique. "Se continuar assim, a tendência é acabar mesmo".

**LAGOSTA** - O fim do período de defeso da lagosta acaba dia primeiro de maio. Com isso, cerca de 300 pescadores de lagosta que estavam sem emprego certo serão contratados de novo. A informação foi dada pelo secretário da Colônia, Domingos do Nascimento. Em Fortaleza, 42 barcos grandes empregam esse pessoal. Nesse período

sem emprego fixo, os pescadores vivem da pesca artesanal. "Temos muitos pescadores e poucos barcos de navegação", explica o secretário. Na Colônia, entre pescadores de lagosta e artesanais, existe um cadastro de sete mil, mas apenas 400 contribuem com a mensalidade, que custa R\$ 1,50.